



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina  
Brasil

Albuquerque, Else de F.; Menezes, Marilda  
O valor material e simbólico da renda renascença  
Revista Estudos Feministas, vol. 15, núm. 2, maio-agosto, 2007, pp. 461-467  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38115213>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O VALOR MATERIAL E SIMBÓLICO DA RENDA RENASCENÇA

ELSE DE F. ALBUQUERQUE

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

MARILDA MENEZES

Universidade Federal de Campina Grande

**Resumo:** O município de Camalaú, situado no Cariri paraibano, destaca-se pela fabricação da renda renascença. Em toda a região, essa atividade assume grande importância econômica que pode ser observada, dentre outros aspectos, na quantidade de mulheres que trabalham na confecção da renda; há cerca de quatro mil mulheres que se dedicam simultaneamente à agricultura familiar e ao artesanato, segundo dados do Banco do Nordeste. Devido a fatores como a falta de políticas públicas para a agricultura familiar, a concentração fundiária e o agravamento das condições de produção dos agricultores em períodos de escassez de chuvas, tem havido o impulsionamento do crescimento dessa atividade na região. Um dado relevante a ser observado é a participação de homens na feitura da renda, uma vez que essa é uma atividade considerada de mulher. Neste artigo analisamos a atividade artesanal como uma fonte de renda, perpassada por relações de gênero, atentando para a importância da renda renascença como atividade de homem e de mulher e a sua feitura no cotidiano das mulheres, em que se entrelaçam trabalho, socialização de crianças e vivência lúdica.

**Palavras-chave:** artesanato; gênero; trabalho.

## Introdução

Situado no Cariri paraibano, na Mesorregião da Borborema e Microrregião dos Cariris Velhos da Paraíba (Cariri Ocidental), o município de Camalaú possui 5.514 habitantes, sendo 2.743 homens e 2.771 mulheres. Destes, 2.357 pessoas residem na cidade e 3.157 na zona rural. Na cidade de Camalaú, as atividades econômicas básicas são o artesanato, a agricultura familiar, a pecuária e o extrativismo rudimentar. O comércio e o setor de prestação de serviços são bastante modestos. O município não possui indústrias e sua maior fonte de renda advém do serviço público e das aposentadorias rurais. Ao lado de outros municípios – Congo, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião de Umbuzeiro e

Zabelê – Camalaú destaca-se pela produção da renda renascença, que se caracteriza por ser uma renda de agulha, cujos pontos teriam tido origem na época do Renascimento.

Devido à importância da atividade da renda renascença para toda essa região e do caráter distintivo que a mesma atribui à vida das mulheres do lugar, este artigo analisará a atividade artesanal como uma fonte de rendimentos, perpassada por relações de gênero, atentando para a importância da renda renascença como atividade de homem e de mulher e a sua feitura no cotidiano das mulheres, em que se entrelaçam trabalho, socialização de crianças e vivência lúdica.

### **A importância da renda como atividade de rendimentos**

A importância econômica da atividade da renda renascença na região do Cariri paraibano pode ser observada, dentre outros aspectos, na quantidade de mulheres que trabalham na confecção da mesma. Em toda a região há cerca de quatro mil mulheres que movimentam valores na ordem de R\$ 200 por mês.<sup>1</sup> Com o desmonte da agricultura de subsistência, devido a fatores como a falta de políticas públicas para a agricultura familiar, a concentração fundiária e o agravamento das condições de reprodução dos agricultores por causa da escassez de chuvas, tem havido o impulsionamento do crescimento dessa atividade na região. Entre as atividades econômicas básicas do município encontram-se o extrativismo, o artesanato e a agropecuária rudimentar e de subsistência. As pessoas fazem carvão; tiram casca de angico; fabricam telhas e tijolos; fabricam cal; plantam milho e feijão; desenvolvem uma pequena agricultura irrigada; criam cabras, porcos, ovelhas, vacas, entre outras atividades. Ultimamente tem havido, em toda a região do Cariri, um incentivo do governo, via Banco do Nordeste, para a criação de cabras visando à produção de leite e derivados. O município de Camalaú é um dos mais pobres e subdesenvolvidos do Nordeste brasileiro, possuindo um índice de indigência de 91,1%.<sup>2</sup>

A atividade artesanal da renda renascença passa a representar uma importante fonte de ingresso monetário para um grande número de famílias de agricultores,<sup>3</sup> situação que também ocorre em outros países da América Latina, como é o caso do México, que, “devido ao empobrecimento e ao caráter estacionário da produção agrícola, o artesanato aparece como um recurso complementar apropriado, tendo se convertido, em alguns povoados, na principal fonte de rendimentos”.<sup>4</sup>

### **A renda como atividade de homem e de mulher**

A renda renascença também é produzida por homens. Há, no entanto, uma dificuldade especial em tratar desse tema devido ao fato de ser difícil conversar com um menino ou um rapaz rendeiro. Isso acontece porque há o temor de que seja posta em dúvida a sua masculinidade, caso eles admitam ou sejam vistos fazendo uma atividade considerada como eminentemente feminina. É fato comum na região estudada que há um grande número de homens, de várias idades, envolvidos na produção da renda renascença, principalmente nos sítios. Para ilustrar esse fato, podemos destacar o caso de dois rapazes – Roberto<sup>5</sup> e José, que possuem 25 e 20 anos, respectivamente. O primeiro deles, Roberto, aprendeu a render aos dez anos observando sua mãe trabalhar. Fez renda

---

<sup>1</sup> BANCO DO NORDESTE, 2000.

<sup>2</sup> Dado do Conselho Regional de Economia da Paraíba.

<sup>3</sup> Segundo dados do PARAIWA, 1999.

<sup>4</sup> Nestor Garcia CANCLINI, 1983, p. 63.

até os dezoito anos, por ser a única forma de ajudar a mãe, mas se escondia para que as pessoas não o vissem. Quando tirou os documentos e foi para São Paulo “tentar a vida”, nunca mais rendou, pois, segundo ele, fazer renda atrapalhava com as namoradas:

Fazer renda atrapalhava com as namorada. Namorei muito pouco. Fiz renda porque era o único meio de ganhar a vida. Eu ajudava mãe, comprava roupa e ia pra festas. [...] Trabalhava escondido. Quando chegava alguém me escondia.

O outro rapaz, José, é rendeiro e comerciante e ostenta uma atitude de orgulho com o fato de ser rendeiro. Com a toalha jogada sobre o ombro, me disse que havia trabalhado naquela peça, mas que não havia feito sozinho, que “pagou alguns novelos”. Enquanto conversávamos, alguns rapazes, conhecidos de José, se aproximaram e ficaram dizendo brincadeiras. Talvez, entre minha ‘aceitação’ com relação ao fato de ele rendar e as brincadeiras dos amigos, ele tenha preferido ficar do ‘meu lado’, chegando até a posar para uma fotografia. Sua atitude foi bem diferente da de Roberto, fato que nos leva a considerar que o estar na feira vendendo aquela peça indicaria José como um rendeiro de poder aquisitivo maior que o de Roberto. Enquanto este apenas podia *desmanchar* novelos para terceiros, José pode comprar matéria-prima e também pagar para outras pessoas trabalharem para ele.

Essas diferenças incidem sobre a forma de lidar com a renda. Se ser rendeiro é fazer trabalho “de mulher”, ser vendedor ou comerciante é trabalho próprio “de homem”. José é mais aceito entre os seus pares por também ser comerciante. Segundo um dos atravessadores do lugar, “fazer renda não é trabalho de homem não. Isso faz é espantar as mulheres”. Essa atitude de discriminar o ato de tecer, também, é observada entre os homens do Vale do Jequitinhonha. Antes de os homens serem introduzidos na atividade, tinham a idéia de que, “se um homem tecer, ele vira mulher, as pernas vão afinar e o esperma vira água e ele não vai ter condições de sustentar a família”.<sup>6</sup>

A idéia de renda como “trabalho de mulher” não é corroborada pelas mães rendadeiras que, desde cedo, encaminham seus filhos nesse ofício. Por ocasião de uma visita à feira de Jataúba, acompanhamos a negociação entre uma rendeira e um comerciante. Tentando manter o preço pela peça – R\$ 250,00 por uma toalha de banquete de 3 metros – a rendeira utilizou, como argumento mais forte, o fato de seu filho de nove anos ter trabalhado na confecção. Para ela, isso valorizava mais a peça, tornava-a mais especial.

Motivo que leva as mães a ensinarem seus filhos homens, quando crianças, a atividade da renda renascença é o fato de, no mundo rural, a socialização das crianças se realiza através do trabalho. Logo cedo, em torno dos cinco anos, meninos e meninas são iniciados no trabalho do roçado. Como a iniciação, na renascença, também ocorre nesse período, e sendo a estiagem comum na região, os meninos acabam por aprender a rendar do mesmo modo como aprendem a trabalhar na roça. Essas duas atividades são constituintes da sua socialização.<sup>7</sup>

Nesse momento da infância, não há uma separação rígida entre trabalho feminino e trabalho masculino. É comum encontrar nos sítios crianças de ambos os sexos fazendo renda, pois essa é, em muitos casos, a única possibilidade de trabalho na maior parte do

<sup>5</sup> Quanto aos nomes dos entrevistados, nos inspiramos na metodologia da História Oral, que, diferentemente, da Antropologia, mantém os nomes verdadeiros, pois entende que a pesquisa pode dar visibilidade às vozes de diversos sujeitos sociais.

<sup>6</sup> Maria Moraes SILVA, 1998, p. 97.

<sup>7</sup> Marilda de MENEZES, 2002b.

ano. Um caso emblemático é o de Maria Suelene, mulher de quarenta anos, rendeira há trinta. Segundo ela – que procura demonstrar que tem as rédeas da casa e da família nas mãos –, “todo mundo tem que trabalhar”. Mãe de três filhos, duas meninas e um menino, Suelene diz, com firmeza, que logo cedo colocou os três para trabalhar na renda. Quando questionada sobre o fato de ela haver ensinado o filho homem a render, ela respondeu que “todo mundo tem que trabalhar” e que “os filhos não devem ficar vagabundeando”.

A narrativa da mãe mostra que o trabalho dos meninos e meninas, além de ser fonte de sobrevivência material para a família, também se fundamenta na transmissão de saberes e construção de profissões. Esse aspecto é ressaltado por vários autores que analisam o trabalho de crianças em famílias camponesas. Citamos, aqui, a análise de Neves,<sup>8</sup> que faz referência ao trabalhador artesanal ou camponês, cujo uso da força de trabalho não responde diretamente à crescente expansão da apropriação da mais-valia e ao uso descartável do seu portador. A autora ressalta, ainda, que essas formas de uso do trabalho infantil antecedem e ultrapassam o sistema de produção capitalista, mas não eliminam, necessariamente, as condições penosas e prejudiciais ao desenvolvimento da criança ou do adolescente.

Tendo como base analítica o destaque dado pela a autora sobre *os outros valores referenciais do trabalho de crianças em unidades camponesas*, Menezes<sup>9</sup> enfatiza a importância do trabalho na socialização de meninos e meninas. Nos termos da autora, essa socialização está “pautada por uma ética do trabalho que orienta a formação de homens e mulheres dignos (as) e honestos (as), capazes de serem respeitados (as) pela comunidade e de se reproduzirem a si próprios e às suas famílias”.

Nesses termos, ao falar que “todo mundo tem que trabalhar”, Suelene (40) faz referência a esse *ethos* que perpassa a visão da importância do trabalho na formação dos valores morais da família camponesa. O filho de Suelene aprendeu a render com oito anos. Atualmente, ele tem dezesseis anos e, há um ano, não faz mais renda. Tentamos conversar com ele, mas não tivemos sucesso. Segundo sua mãe, depois que foi crescendo, ficando rapazinho, “foi ficando besta, com vergonha de trabalhar na renda e não quer nem falar no assunto”.

Essa postura é comum à maioria dos rapazes. Se, quando crianças, eles trabalham sem se esconder, à medida que vão crescendo, não encontrando seus pares nessa atividade, passam a operar com a idéia de que render é “trabalho de mulher”.

No contato com as mulheres rendeiras de Camalaú, chamou-nos particular atenção o fato de elas nunca se referirem aos maridos como provedores do sustento da casa. De um modo geral, o trabalho da mulher é sempre tido como ajuda. Socialmente espera-se que o homem seja provedor do sustento da família, atribuindo-se à mulher o papel de mãe e dona-de-casa. Mesmo quando a mulher exerce o papel de provedora do sustento familiar, a sua atividade laboral é considerada como subsidiária e complementar. Esse fato pode ser mais bem observado ao fazermos uma breve incursão na literatura que trata do trabalho da mulher.

Em um estudo realizado sobre as labirinteadas da Chã dos Pereira, no município de Ingá, estado da Paraíba, foi observado que as mulheres, embora se percebendo como provedoras do sustento familiar, preferem atribuir aos maridos a condição de chefe-de-família e de provedor, demonstrando uma autodesvalorização do seu “papel”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Delma NEVES, 1999.

<sup>9</sup> MENEZES, 2002b, p. 203; e 2002a.

<sup>10</sup> Regina GONÇALVES, 1996.

Em um outro estudo realizado sobre a renda de bilro, na Ilha de Santa Catarina/SC, a autora observa, em suas entrevistas, que as rendeiras consideram sua atividade como complementar à dos maridos pescadores. Em sua fala, uma das entrevistadas demonstra que assumir um papel de relevância econômica só se justifica em situação de crise (doença, morte do marido), quando recai sobre a mulher o “papel” de manter financeiramente a família.<sup>11</sup>

Um estudo feito sobre o lugar da mulher em unidades domésticas camponesas afirma que o lugar ocupado por cada membro da família está ligado à sua posição em relação às atividades que desenvolve no roçado ou na casa. As tarefas consideradas como trabalho são aquelas responsáveis pelo consumo familiar e são realizadas no roçado, na unidade de produção. Já as tarefas correspondentes ao âmbito da casa são domésticas, e a casa é considerada como unidade de consumo.<sup>12</sup>

Em uma outra visão na qual a divisão sexual do trabalho é menos rígida, o trabalho é visto como atividade humana através da qual o homem, genericamente, garante a produção e reprodução da vida material e social. Todavia considera-se que, mesmo exercendo um trabalho igual ao dos homens, as mulheres não têm o mesmo estatuto deles, visto que trabalho idêntico não significa igualdade social entre homens e mulheres.<sup>13</sup>

Segundo vários relatos obtidos entre as rendeiras da região do Cariri paraibano, a feitura da renda sempre esteve ligada à escassez, à falta de empregos, à pobreza. Na cidade de Camalaú a economia depende em parte da agricultura de subsistência (milho, feijão) e de um pequeno número de pescadores. Como já foi referido, é do emprego público e das aposentadorias que advém a principal fonte de rendimentos. Assim, devido a esse conjunto de fatores, é que um grande número de mulheres passa a depender dos poucos recursos obtidos com o seu trabalho na renda:

O leite de meus meninos saiu todinho daqui, da renda” (Gorete, 42 anos);

Criei três filhos com meu trabalho. Graças a Deus até hoje tô puxando linha e vivendo a vida” (Zulmira, 56 anos);

Com o pouco que eu ganho na renascença, eu sustento a casa. Meu marido é pedreiro, mas, além de nunca arranjar serviço, todo dinheiro que ganha é pra beber” (Luciana, 36 anos).

Ouvindo os seus relatos e observando o seu cotidiano, vimos que muitas famílias acabam por ser sustentadas com a renascença. É nesse contexto que os filhos e filhas são criados aprendendo a atribuir ao trabalho com a renda a sua sobrevivência. Partindo dos discursos dessas mulheres e das observações de campo, consideramos importante ressaltar como o saber-fazer dessas rendeiras lhes confere distinção, quando comparadas a outras mulheres que, como elas, são agricultoras e donas-de-casa, mas que não possuem um outro saber que lhes dêem uma certa autonomia no sustento da casa. Fazer renda permite a essas mulheres a condição de não ficarem na dependência absoluta de seus maridos ou companheiros. E meninas que ainda estão sendo iniciadas na renda renascença já associam seu aprendizado à independência financeira, como é o caso de Cacau, uma menina de 12 anos que acalenta o sonho de ser cantora e gravar um CD.

Ao analisar a renda como atividade de mulher, alguns aspectos ganham relevância e revelam características que são consideradas próprias às rendeiras. Refiro-me a atributos

<sup>11</sup> Andréa ZANELLA, 1999.

<sup>12</sup> Beatriz HERÉDIA, 1979.

<sup>13</sup> SILVA, 1998.

como delicadeza, paciência, destreza com as mãos, qualidades necessárias para quem trabalha com linha e agulha e condições indispensáveis à feitura da renda.

Estudando uma tarefa eminentemente feminina, específica do processo de trabalho da cana, o descarte (atividade que consiste no reconhecimento das doenças, classificação e recuperação da planta mediante a retirada das partes afetadas e da aplicação de agrotóxicos), Silva<sup>14</sup> considera que, devido a sua natureza, o descarte é tido como trabalho feminino, pois “os qualificativos de um trabalho bem feito, leve, responsável, exigindo assiduidade e atenção, estão relacionados às mulheres. Portanto, somente elas se mostram capazes de realizá-lo”.

Guardadas as diferenças entre esse trabalho realizado no cultivo da cana e o trabalho com a renda, é possível encontrar elementos comuns como a atribuição de gênero que é dada a essas tarefas, ao caracterizá-las como femininas. No caso da renda, como é um trabalho também realizado por homens, quando se trata da luta pela sobrevivência, as atribuições de gênero ficam fragilizadas. Nesses termos, na socialização de meninos e meninas de famílias camponesas, encontramos meninas/mulheres trabalhando na roça e meninos/homens trabalhando na renda.

É tecendo os pontos da renascença e entretecendo as suas vidas num misto de *desmanchar novelas* e *desfazer os nós* das dificuldades da vida que essas mulheres e crianças constroem suas vidas e seus sonhos. Alheias às discussões travadas na academia sobre o papel da mulher, muitas das rendeiras de Camalaú seguem suas vidas considerando que o sustento de suas casas provém do seu trabalho na renda.

Não queremos correr o risco de homogeneizar as “rendeiras de Camalaú” como sendo uma categoria específica e compacta e, a partir daí, fazer afirmações apressadas. Todavia, mesmo percebendo a variedade das histórias de vida dessas mulheres, é possível considerar que há uma característica comum que as identifica como um grupo social: o *status* que lhes é conferido pelo saber-fazer da renascença.

## Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Else de Farias. *Desmanchando novelas e tecendo sonhos: a vida das rendeiras de Camalaú*. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.
- BANCO DO NORDESTE. *Diagnóstico das rendas do Cariri paraibano*. 2000.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GONÇALVES, Regina Célia. *Vidas no labirinto: mulheres e trabalho artesanal: um estudo sobre as artesãs da Chã dos Pereira – Ingá/PB*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande.
- HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho de pequenos produtos do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MENEZES, Marilda A. de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de família de camponeses*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: Ed. Da UFPB, 2002a.
- \_\_\_\_\_. “Memórias de infância de mulheres e homens camponeses”. *Trajeto. Revista e História UFC*, v. 2, n. 3, p. 185-208, 2002b.
- NEVES, Delma Pessanha. *A perversão do trabalho infantil: lógicas sociais e alternativas de prevenção*. Niterói: Intertexto, 1999.

---

<sup>14</sup> SILVA, 1999, p. 181.

## O VALOR MATERIAL E SIMBÓLICO DA RENDA RENASCENÇA

---

PARAÍWA – Coletivo de Assessoria e Documentação. *Projeto Renda do Cariri*. João Pessoa, 1999.

SILVA, Maria A. Moraes. *Fiandeiras, tecelãs, oleiras... Redesenhando as grotas e veredas*. *Projeto História*, n. 16, p. 75-104, 1998.

\_\_\_\_\_. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

ZANELLA, Andréa Vieira. "A renda que nem sempre gera renda". *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 25, p. 133-150, 1999.

### ***The Material and Symbolic Value of Renaissance Lace***

**Abstract:** *The municipality of Camalaú, in the Paraíba Cariri, is known for its production of renaissance lace. This activity is of great economic importance in the region, evidenced by, among other things, the quantity of women who work in the lace production. Data from the Banco do Nordeste (Northeastern Bank) report four thousand women dedicated simultaneously to family farming and crafts. Because of factors such as lack of public policies for family farms, land tenure concentration and the worsening of conditions for the reproduction of agriculture in drought periods, craft production has increased in the region. Observation shows that men have a relevant participation in lace production, even though it is considered a women's activity. This article examines craftwork as an income source, wrought with meanings from gender relations, emphasizing that the activity is of men and women whose daily activities link work, child socialization and play.*

**Key words:** *Handicrafts; Gender; Work.*